



Setembro de 2024

EDIÇÃO 01

ORIGINÁRIOS

OS KOKAMA



ORIGINÁRIOS: OS KOKAMA © 2 BY F
IS LICENSED UNDER CC BY-NC-ND 4.0



SUMÁRIO



03 Editorial

04 Os Kokama sobrevivem apesar de
mais de 500 anos de exploração
Uma reportagem sobre quem são os Kokama

06 Galeria de vivências Kokama (parte 1)
Seleção de fotos sobre os Kokama

07 Identidade e Resistência: a luta Kokama
pela recuperação de sua língua
Um artigo sobre a língua Kokoma, com falas do entrevistado
Edney Samias, liderança Kokama em Tabatinga (AM)

09 Galeria de vivências Kokama (parte 2)
Seleção de fotos sobre os Kokama

10 Não se diz 'índio', se fala indígena ou originário
Uma crítica ao termo 'índio'. Contém trechos da entrevista de Daniel Munduruku
ao portal UOL

11 Thaís Kokama e a importância dos grafismos
Uma pequena biografia da artista indígena Thaís Kokama e informações sobre grafismos
dessa etnia. Contém trechos da entrevista com Thaís

12 Permanência estudantil: o relato de uma mãe indígena
Uma crítica sobre a permanência estudantil indígena, com trechos de entrevista com
aluna Kokama da UFSCar, que é mãe

13 Galeria de vivências Kokama (parte 3)
Seleção de fotos sobre os Kokama

14 Ficha técnica
Apresentação dos colaboradores da revista

15 Referências



EDITORIAL



A edição número 01 da revista Originários teve como inspiração e assunto a etnia Kokama. Ao longo dos textos, os autores desta e-zine abordaram temas importantes e pouco disseminados, tanto entre a academia, quanto, principalmente, entre a população em geral. Os Kokama brasileiros vivem no estado do Amazonas, local que faz fronteira com outros dois países latino-americanos que também abrigam esse povo, Peru e Colômbia. Além da questão territorial, fatores como idioma, cultura e arte são fundamentais para a formação identitária do Brasil e para a conscientização do povo brasileiro quanto à necessidade de reivindicar os direitos e a visibilidade das diferentes etnias indígenas.

Uma das pautas abordadas na revista é a data comemorativa do dia 19 de abril, que celebra os povos originários. O artigo crítico produzido acerca desse tema, busca problematizar o antigo nome (Dia do Índio), analisar as comemorações estigmatizadas realizadas em escolas e outras instituições, além de evidenciar o real motivo da criação desta data. Além disso, foram realizadas entrevistas a respeito da permanência de mães indígenas na universidade e da importância do grafismo como expressão cultural e artística, temas que permeiam a vida de muitas mulheres racializadas. Por fim, a e-Zine conta com uma seleção de fotos enviadas por moradores da comunidade Kokama no Amazonas, que ilustra com segurança as vivências e as ricas tradições dessa cultura que é tão protegida e cultivada pelos seus integrantes.

Para encerrar, vale ressaltar que este trabalho tem o objetivo não só de informar, mas também de instigar o público, de modo que esses textos sirvam como um pontapé inicial para a difusão do conhecimento a respeito dos Kokama e também como um apelo pela valorização e pelo respeito pelas diferenças culturais que tanto enriquecem o nosso país. Caro leitor, aproveite!

Agradecimentos

Nós, os autores desta revista, gostaríamos de agradecer aos nossos colaboradores, que tanto nos ajudaram nessa criação. Primeiramente, à professora Carolina de Paula Machado e aos formuladores do curso de Comunicação e Expressão na Universidade Federal de São Carlos; ao Edney da Cunha Samias, liderança do povo Kokama em Tabatinga (AM), que nos forneceu entrevistas, diversas fotos e informações sobre a etnia; à Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, fotógrafa das okas; à Thaís Kokama e à sua assessoria; aos amigos Josiane Dias Araújo, Cristian e Ednei Arapiun, que solidariamente nos ajudaram com as pinturas e com as fotografias; à equipe do CIMI Regional Norte 1 de Tefé (AM) e à fotógrafa Verena Glass, que nos forneceram fotos do acervo.

OS KOKAMA SOBREVIVEM APESAR DE MAIS DE 500 ANOS DE EXPLORAÇÃO

Por Lorena Goulart e Nilo Martins

Os Kokama são um povo indígena cujo nome significa “aquele que se alimenta da roça”. Residem no Alto e Médio Solimões, no estado do Amazonas. Além do Brasil, também estão presentes em mais dois países sul-americanos vizinhos, a Colômbia e o Peru.

Existem 44 nações Kokama e mais de 4.000 clãs dessa etnia. Essas nações são patrilineares, então, a partir do sobrenome é possível definir a qual nação se pertence, tenha esse sobrenome sido embranquecido ou não. Inicialmente, quando foi criado o primeiro homem Kokama, criou-se também as sete primeiras nações: Tsamia, Yawarkani, Waratapai, Tananta, Maitawari, Kuriku e Awanari. Todavia, com o aumento da população os anciões dessas nações criaram outras para facilitar a divisão de tarefas na comunidade. As sete primeiras estão ligadas a elementos e cores: gente (Awa) – cor vinho (kawe), Fogo (Tata) – cor amarelo (iyu), Terra (Tuy+uka) – cor marrom (teweyu), Ar (iwitu) – cor cinza (tsawe) e água (uni) – cor azul (tsenepuka). Por exemplo, na capa há Josiane Dias Araújo pertencente à nação Kokama Arirama e Fernanda Gonçalves Da Silva, uma das autoras da e-Zine, é da nação Tsamia.

O idioma dessa etnia indígena está classificado no tronco Tupi, como uma parte da família Tupi-Guarani, com poucos falantes fluentes, segundo o Instituto Socioambiental (ISA). A língua Kokama consta no relatório de 2010 da Unesco como criticamente ameaçada de extinção.

Não se sabe ao certo o número exato de indígenas Kokama. Os dados são variados e discrepantes. Para o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 2005 havia 786 indivíduos; já para o Conselho Geral da Tribo Ticuna - CGTT (povo que também habita a mesma região), os Kokama eram cerca de 9.000 em 2003.

A covid-19 vitimou 75 dos 95 anciões durante a recente pandemia, segundo a doutora em Linguística, Altaci Corrêa Rubim Kokama, pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB). Com isso, houve uma redução acentuada dos ‘guardiões da língua Kokama’.

Os relatos sobre este povo indígena realizados pelos brancos datam dos séculos XVI e XVII, sendo um dos primeiros grupos a terem contato com os colonizadores devido à sua proximidade com os rios, principais vias de comunicação na região amazônica.

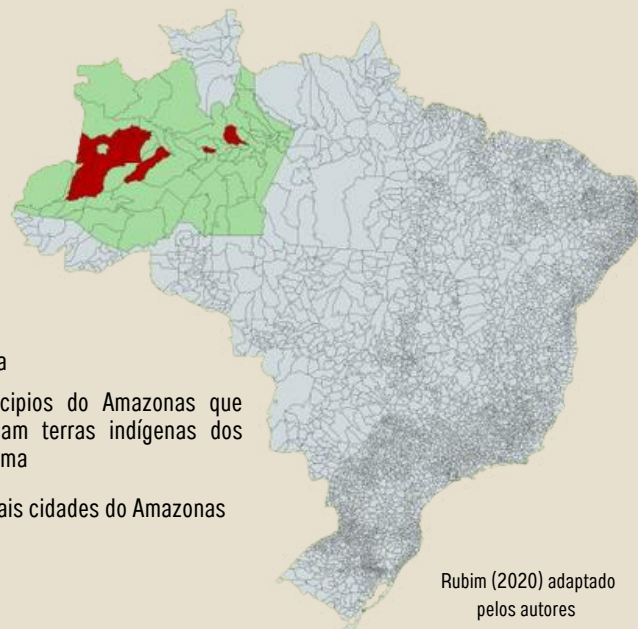
O espanhol Juan de Salinas foi o primeiro europeu que os encontrou e as expedições de seu compatriota Lope de Aguirre também relatam o encontro com essa população indígena. Nesse

aspecto, houve contato missionário no Alto Solimões com os Kokama desde 1547, segundo o ISA.

As missões jesuíticas espanholas dominaram por um tempo a formulação política indígena naquela região. Porém, no final do século XVII os portugueses já alcançaram também o Alto Solimões. Essa época foi extremamente turbulenta e foi chamada de “Tropas de Resgates” portuguesas, momento em que os soldados lusos penetravam nas ‘missões inimigas’, devastando tudo, incluindo os indígenas.

Além do papel das missões na instabilidade dos povos indígenas, o ciclo da borracha na Amazônia levou os seringueiros aos territórios indígenas, invadindo estas terras e, posteriormente, utilizando a mão de obra indígena para trabalho. Todos esses eventos, a questão missionária e o extrativismo, ocasionaram um deslocamento territorial dos indígenas para além de suas terras originárias. E, por fim, as políticas de Marquês de Pombal no século XVIII oficializaram o idioma português na nação e proibiram a utilização da língua indígenas, inclusive a dos Kokama, o que contribuiu para a diminuição do uso desse idioma.

Dentro de suas terras eles têm várias tradições, no caso das antigas, possuem vestimentas específicas para seus membros masculinos e femininos. Os homens usavam a cushma, que tem formato que lembra o de uma camisa de comprimento longo e que possuía estampas geométricas em diversas cores. Já as mulheres usavam um xale e uma peça de roupa feita de algodão que lembra uma túnica, porém que era comprida e que se amarrava na cintura.



Legenda

● Municípios do Amazonas que abrigam terras indígenas dos Kokama

● Demais cidades do Amazonas

ORIGINÁRIOS

Rubim (2020) adaptado pelos autores

A guerra também era uma tradição antiga para o povo Kokama, antes da chegada dos colonizadores, de acordo com relatos da época, viajavam em direção aos inimigos com dezenas de canoas. E de acordo com o antropólogo Oscar Alfredo Agüero, que estuda os Kokama, eles decapitavam os seus inimigos e depois festejavam suas vitórias com as cabeças deles.

Também possuem tradições atuais como o hábito de fazer o ajuri, momento em que todos realizam um esforço conjunto com as suas respectivas famílias para com os seus afazeres e depois se juntam para comer e beber coletivamente. Um dos itens que é bastante consumido também durante o ajuri é o pajuaru (bebida obtida pela fermentação da mandioca).

O povo Kokama possui variadas crenças. As relacionadas ao pós-vida são as de que não há limites ou adversidades, e que se pode obter tudo o que apresenta riscos a pessoa ou não é facilmente obtido em vida; também podem viver ao máximo, e reencontrar entes perdidos. Além disso eles têm os seus xamãs divididos em classes, segundo Agüero, os cantadores, que entoavam cânticos pedindo por ajuda de espíritos e para que o indivíduo não acabe se esvaindo; os chupadores, que fazem sucção da área para curar os ferimentos; os sopradores, os quais sopravam suas mãos, o necessitado e os alimentos, que o xamã usa como medicamento, também chama espíritos e dá uma bebida feita de ervas e tabaco; os jejuadores, que se isolavam, passando por jejuns e pediam ajuda aos espíritos, e voltavam com o motivo dos ferimentos.

Porém, como dita o antropólogo, também há outra classe de xamãs, que são chamados de 'bancos' pelos Kokama peruanos, os quais se utilizam da ayahuasca (bebida que é feita de plantas alucinógenas), em seus longos rituais que são feitos à noite e que demandam muitas pessoas para sua execução. No ritual, logo após tomar a bebida e depois de algumas preparações, o xamã pode passar por uma experiência fora do seu corpo enquanto o espírito toma o seu lugar e fala por meio do xamã, que diz onde foi e quem encontrou no caminho.

Essa etnia ainda utiliza o título Sume para dar nome aos seus xamãs que usam a ayahuasca, pois para eles o deus Ini Jará, após criar o planeta e os seres humanos, foi aos céus para cuidar de suas criações, e o Sume é o nome dado a seu representante terreno.

Para sua subsistência, o povo Kokama depende principalmente da agricultura e do pescado, entretanto, às vezes caçam animais e coletam recursos.

Na lavoura, dependendo da várzea dos rios, trocam as culturas, sendo a mandioca a principal delas por causa de sua farinha, aliás a maioria de suas plantações são raízes. Sobre a caça e a pesca, elas são executadas apenas pelos homens, e na pesca se utiliza



flecha, espinel (formado por uma linha com várias outras com anzóis na ponta) e curico (planta da família Timbó, usada para atordoar os peixes). Eles utilizam a espingarda em suas caçadas em busca de jacarés, aves e macacos. Também criam animais e vendem vegetais e peixes em mercados regionais para conseguir grande parte de sua renda.

No que diz respeito a seu núcleo familiar, em suas casas vivem o pai, mãe, filhos não casados e, às vezes alguns parentes. Possuem casas suspensas sobre rios e com a parte de trás voltada às florestas, além disso, têm a frente voltada aos rios e contam com áreas para plantio ao redor.

GALERIA DE VIVÊNCIAS KOKAMA

Por Rafaela Maturana

Imagem 1: Oka Kokama



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Suelly Arruda Cabral

Imagem 2: Xamanismo de cura



Fonte: Arquivo pessoal de Edney da Cunha Samias

Imagem 3: Ritual de conversa com árvores sagradas



Fonte: Arquivo pessoal de Edney da Cunha Samias

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

a luta Kokama pela recuperação de sua língua

Por Lorena Goulart

A língua Kokama está ameaçada de extinção e não há dados exatos recentes sobre quantos indivíduos falam o idioma. Essa língua se divide em masculina e feminina. Isso ocorre, pois como os Kokama eram nômades, eles precisavam proteger seus santuários e com as mulheres e os homens falando palavras diferentes, isso dificultava as informações sobre a localização e costumes sagrados dessa etnia. Por exemplo, a palavra 'aqui' é falada no idioma masculino 'ikiaka', já a mulher diz 'ajanka'. Então, o homem fala de uma maneira e a mulher de outra, mas ambos se entendem. Além disso, as palavras não são pronunciadas como na escrita, por exemplo 'ajanka' pronuncia-se 'arranga'.

Em uma entrevista com Edney Samias, liderança Kokama em Tabatinga, no Amazonas, ele comentou sobre a perda recente de grandes falantes maternos que falavam totalmente o idioma feminino, sem misturá-los com outras línguas como ocorre no Peru. Segundo o que Samias retratou na entrevista, não existem mais mulheres vivas que falam o idioma feminino. Inocêncio Arimuia Silva Kokama de Tabatinga (AM), ancião dessa etnia, de acordo com o entrevistado, é o falante vivo mais completo, porque ele fala língua Kokama e possui o domínio a escrita feminina e masculina.

Nesse contexto, a retomada da língua é um assunto amplamente discutido devido ao risco de extinção. O processo que levou à diminuição da fala desse idioma foi principalmente por alguns fatores, que os levaram muitas vezes a não se considerarem mais indígenas ou a esconderem quem eram entre outras etnias indígenas, como a dos Tikunas, que também vivem na região do rio Solimões (AM) e são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil.

O primeiro fator foi as missões espanholas e portuguesas que diziam que a língua Kokama era um idioma do diabo. No relato de Altaci Rubim Córrea Kokama, professora e pesquisadora Kokama na Universidade de Brasília (UnB), ao portal UOL, ela descreveu o sequestro de seu pai aos dez anos de idade por um missionário, que ofereceu um chocolate e, em seguida, levou seu pai a um abrigo onde ficou

preso por 8 anos até que conseguiu fugir. A pesquisadora da UnB disse na entrevista ao UOL que uma das ameaças que as crianças ouviam era que, se não falassem português, não comeriam.

O segundo fator foi as políticas do Marquês de Pombal, que implementou no século XVIII uma política de falar apenas a língua do príncipe no Brasil - o português, proibindo qualquer língua indígena, incluindo a dos Kokama, de ser falada. Com isso, houve diminuição de falantes do idioma, uma vez que eles não queriam que seus filhos, outros familiares e amigos sofressem a violência que os afligia. Aliás, houve outro fator que teve um impacto nas comunidades indígenas: o extrativismo no ciclo da borracha. O contexto desse cenário pressionou os indígenas a saírem de suas terras originárias, além de serem forçados a trabalhar na retirada do látex das seringueiras.

Após o sistêmico projeto colonizador de apagar a identidade Kokama e, dessa maneira, seu idioma, são pensadas maneiras de retomar essa língua. Há duas frentes que são necessárias salientar nesse processo de recuperação.

A primeira delas é um aplicativo tradutor que foi parte da tese de doutorado de Altaci. O app está disponível no Google Play, mas não é possível baixá-lo nas versões mais recentes do Android. Nesse aplicativo constam mais de 900 palavras do idioma Kokama, sendo elogiado como um meio de fortalecimento da língua, embora não tenha ferramenta de áudio, o que permitiria a escuta das palavras procuradas. Samias, quando perguntado acerca dessa ferramenta, respondeu que embora o conheçam, não o utilizam por ter várias palavras erradas, já que ainda existem falantes maternos que afirmam que há incorreções no vocabulário do app. Outra ação realizada segundo a pesquisadora da UnB é a transcrição daquilo que era transmitido apenas na oralidade pelos Kokama.



Saiba mais vendo os vídeos de Edney Samias. Em seu canal no Youtube, "Edney da Cunha Samias", dá aulas da língua e explica um pouco sobre isso, tendo 2 playlists sobre o assunto.

A segunda perspectiva de retomada é a do Livro Didático originado de forma coletiva. Samias, inclusive, afirmou que esse é o foco para recuperar a língua. Conforme explicado por ele, o livro didático está sendo construído diferentemente do aplicativo, que foi feito por apenas uma pessoa e demais livros, que não são aceitos por não se tratarem de resoluções da coletividade. Esse material de ensino comunitário está em elaboração entre falantes maternos e professores Kokama há mais de 30 anos. Infelizmente, há um empecilho na continuidade desse projeto. Esse obstáculo é a falta da impressão do livro na língua materna. Outro dilema é que com a perda de falantes maternos femininas, a língua Kokama corre o risco de ser ensinada genericamente, sem a correta distinção entre idioma feminino e masculino.

Além disso, outras formas de consolidá-la são as escolas Kokama, como a unidade de ensino municipal situada na cidade de São Paulo de Olivença (AM), o que é conhecido como museu vivo localizado em Manaus, o Centros de Educação Escolar Indígena, os Centros de Ciências e Saberes Tradicionais Kokama e as capacitações dos professores bilíngues. A língua está, assim, ocupando um espaço no cotidiano dessa etnia e sendo ensinada como uma segunda língua, não como uma língua estrangeira; é uma reconexão a ancestralidade conforme explicado por Altaci em no artigo “Vitalization of the Kokama language beyond the borders of Brazil and Peru”, publicado em 2020.

A língua Kokama, atualmente, mesmo em uma situação complexa, busca maneiras de reconstruir a identidade. Devido às diversas ações para que seja retomada a língua, existem resultados positivos como falado por Samias: “Temos como discípulos da língua Kokama, em Tabatinga, vários representantes da língua Kokama que falam e escrevem 100% o idioma, porque conviveram com as falantes maternas Angelina Samias e Maria Januário Samias, e o falante materno Inocêncio que ensinou muito bem a todos e a todas.” Em continuidade com o que diz, Samias afirma que “os falantes maternos falam que Kokama é próprio nosso mesmo” e, portanto, é imperativo que seja defendido como parte da identidade dessa etnia. Assim, percebe-se que mesmo com a desigualdade e exploração sofrida pelos Kokama, a resistência ocorre há mais de cinco séculos e a retomada da língua está encaminhada.

Árvore de palavras

Na árvore (iwira em Kokama) há palavras dessa língua. O significado delas é: Kumitsa (língua no sentido de idioma); Kuatiaratsen (identidade); Tseramikashka (cerâmica); Artetsanatu (artesanato); Kuna - Kuatiarata (pintura), Arteshka (arte); Tsutsana - wika (resistência).



GALERIA DE VIVÊNCIAS KOKAMA

Por Rafaela Maturana

Imagem 4: Jogos Interculturais



Fonte: Arquivo cortesia Acervo Equipe Tefé (AM) / CIMI Regional Norte 1

Imagem 5: Jogos Interculturais



Fonte: Arquivo cortesia Acervo Equipe Tefé (AM) / CIMI Regional Norte 1

Imagem 6: Jogos Interculturais



Fonte: Arquivo cortesia Acervo Equipe Tefé (AM) / CIMI Regional Norte 1

NÃO SE DIZ 'ÍNDIO', SE FALA INDÍGENA OU ORIGINÁRIO

Por Fernanda Gonçalves

No dia 19 de Abril de 1940, um evento que ocorreu no Patzcuaro, no México, reuniu autoridades de quase todas as nações americanas, com intuito de realizar diversas recomendações do Aborígene Americano e tinham como principal objetivo gerar maior atenção para as populações indígenas. Isso dá origem a data comemorativa “Dia do Índio”, que por mudança aprovada pelo Congresso em 2022 alterou o nome para Dia dos Povos Indígenas ou Povos Originários.

Existem muitos dilemas por trás da palavra 'índio' e causa muitos estereótipos, que decorrem de preconceitos e do racismo contra os indígenas. Em entrevista para o UOL, o Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Daniel Munduruku defende que a palavra 'índio' remonta a preconceitos, por exemplo, a ideia de que o indígena é selvagem e um ser do passado, além de “esconder toda a diversidade dos povos indígenas”. Além do mais, as comemorações feitas nesse dia nas escolas remetem de forma totalmente errada o que os Povos Originários são nos dias atuais. Refere-se também às lembranças cruéis do que esses povos viveram no passado e lutam até hoje tanto pela sua valorização quanto pelos seus direitos.

A data do dia 19 de Abril é símbolo de comemorar a diversidade de culturas dos povos indígenas brasileiros, combater os preconceitos e o racismo contra esses povos, mostrar a luta deles pelos seus direitos e promover reflexões sobre a importância desses povos na construção da identidade nacional brasileira. E, principalmente, conscientizar os não indígenas, acerca da palavra 'índio' que gera uma imagem distorcida, já que seu significado é fajuto e antigo, pois significa 'selvagem', 'atrasado' e 'canibal', uma problemática que os europeus criaram quando 'descobriram o Brasil' ou melhor invadiram e mataram povos inocentes donos daquelas terras.

Nas escolas as comemorações deste dia, ensinam de maneira errada sobre o significado dos povos indígenas. Muitas delas colocam um 'cocar', fazem pinturas no rosto das crianças e as vestem seminuas, porque foi assim que identificaram os indígenas em 1500 e, nos dias atuais, ainda fazem essa referência folclórica e preconceituosa.

O indicado é convidar os indígenas para fazer palestras e rodas de conversa sobre esse dia e, assim, fazer reflexões para que as pessoas tenham curiosidades e queiram conhecer a diversidade dos povos originários. As escolas reforçam muito os estereótipos, por fazerem essa 'comemoração do Dia do Índio', sendo que deveriam ser as primeiras a se atualizar sobre o real significado deste dia, ensinando de maneira correta as lutas dos povos pelos seus direitos. Afinal, são brasileiros e têm os mesmos direitos assim como os outros cidadãos, mesmo que muitos deles apenas existam na formalidade e não se concretizem no cotidiano.

É preciso valorizar a cultura dos povos indígenas, combatendo os preconceitos e a discriminação, além de promover o respeito à diversidade cultural e de reconhecer o quanto esses povos são importantes na história do Brasil, tanto na sua formação como país quanto em diversas áreas como artes, ciência, medicina tradicional e na preservação ambiental, especialmente.

Deixem de lado e tirem a palavra 'índio' do vocabulário, uma vez que essa palavra é extremamente preconceituosa contra os povos originários (aqueles que foram os primeiros habitantes de uma terra), visto que reforça estereótipos. Além disso, atualizem seu vocabulário para indígenas (originário, aquele que está ali antes dos outros), palavra que valoriza a diversidade de cada povo, façam reflexões acerca do dia 19 de Abril e não se lembrem destes povos somente neste dia, pois suas lutas para implementar políticas públicas que garantem seus direitos são diárias.



Josiane Dias Araújo, por Rafaela Maturana

THAÍS KOKAMA E A IMPORTÂNCIA DOS GRAFISMOS

Por Nilo Martins

Thaís Kokama, ou Thaís Lima Gonçalves, tem 31 anos e é uma artista indígena que pertence às etnias Kokama, (etnia de sua mãe) e a etnia Sateré-Mawé (oriunda de seu pai) e que faz parte comunidade LGBTQ+. Ela reside no local onde nasceu, a aldeia multiétnica Inhaã-bé, onde agora é vice-presidente, a aldeia é localizada no Igarapé do Tiú, em um bairro chamado Taramã-Açu, situado em Manaus, no Amazonas.

A vice-presidente começou a aprender o grafismo corporal (pintura corporal), arte em que se utiliza o jenipapo, que é um fruto sagrado (fruto verde que vem do jenipapeiro e libera uma tinta de cor preta azulada após ser macerado, fervido e espremido), pelo seu cacique, no momento em que se mudou para a aldeia Iambé quando tinha 18 anos. Na entrevista, ela comentou que "todos os materiais que eu utilizo são 100% da natureza, por exemplo, o fruto sagrado (jenipapo), a tala de bambu, a argila, o urucum, o carvão, os espinhos e a cuia".

Continuando a sua trajetória, alguns anos depois, a artista fez um curso técnico de Rádio e TV com duração de 1 ano e meio no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

A comunicadora também trabalhou e continua trabalhando como compositora do Boi Caprichoso, se tornando a primeira mulher indígena a ocupar este cargo. Onde, em 2023, na 56ª edição do Festival Folclórico de Parintins, seu boi-bumbá conquistou a sua 25ª vitória, que se deu pela contribuição dela na criação da toada "Vidas indígenas importam", música em que citou o povo Kokama e vários outros povos indígenas, escolhendo dar ênfase em convocar as mulheres indígenas a exercitarem a sua resiliência cultural usando uma língua originária em parte de seus versos.

Entretanto, de volta ao presente, questionamos quais dos seus projetos em andamento podem ser divulgados. Ela disse "eu estou trabalhando para lançar um curso de extração da tinta do jenipapo, que será disponibilizado em plataformas digitais. E recentemente, estou à frente do projeto Cine Aldeia, que será a primeira sala de cinema indígena da região Norte".

Inclusive, é a fundadora o grupo Indart, um conjunto de artistas de vários povos indígenas, em que ensina técnicas de grafismos e outras artes, como por exemplo o grafite.

Com o desenrolar da entrevista, a indagamos sobre de onde vem a motivação para produzir as suas artes, ela respondeu que

"vem da força e resistência dos nossos ancestrais. Acredito muito que sou a continuação deles, e eles são minha maior inspiração".

Em seguida, a pergunta foi qual a importância da arte para os Kokama. Em resposta ela afirmou que "a arte é uma forma poderosa de visibilidade e resistência. Ela mantém viva nossa cultura, nossa história, e permite que as pessoas entendam a importância de preservarmos nossa identidade. Através da minha arte, posso não só expressar a riqueza do povo Kokama, mas também criar diálogos com o mundo externo, trazendo questões essenciais como a demarcação de terras e os direitos indígenas para o centro das atenções".

Afirma como artista LGBTQ+ que há preconceito dentro e fora do movimento indígena, onde o racismo e a homofobia se cruzam. Também busca reivindicar o seu lugar no mundo, assim como desconstruir preconceitos e dar visibilidade às lutas de seu povo e da comunidade LGBTQ+.

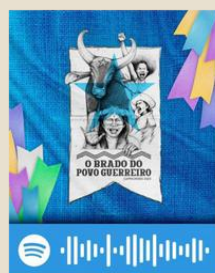
Ao final da entrevista, pedimos para que a Thaís deixasse uma mensagem aos nossos leitores, "quero deixar uma mensagem de força e união. A arte indígena é mais do que estética; ela é ancestralidade, é memória, é resistência. Cada traço e cada pintura são carregados de histórias que conectam o passado ao presente. Convido todos a conhecerem mais sobre a cultura indígena, a respeitarem nossas lutas e a se juntarem a nós na defesa do meio ambiente e dos direitos dos povos originários".



Reprodução/ Instagram



Reprodução/ Instagram



Ouçá no Spotify a toada "Vidas indígenas importam"

PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

o relato de uma mãe indígena

Por Fernanda Gonçalves

Na busca por melhores condições de vida muitas mulheres, mães indígenas, entram na universidade, mas enfrentam algumas dificuldades ao longo do caminho. Principalmente aquelas que saem do seu estado, pois ocorrem as inseguranças em não conseguir terminar o curso, o medo de não se adaptar e de não conseguir se manter na universidade, pois envolvem muitos gastos.

Além das implicações cotidianas por serem mães e universitárias, as despesas se tornam maiores e os dilemas aumentam. Para o debate dessa pauta importante, foi entrevistada uma aluna indígena que tem filho e que relatou sua jornada desde sua saída de sua cidade até São Carlos (SP) para ingressar na faculdade.

A estudante Josiane Dias, da etnia Kokama no interior do Amazonas, está no terceiro período do curso de Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Ela conta como se deu seu ingresso na faculdade, que foi através do vestibular indígena. Ela passou na primeira chamada e agarrou a oportunidade de vir fazer faculdade. Josiane trabalhava e começou a guardar dinheiro para sua passagem, “não achei tão difícil vim, só tinha medo de voar de avião e me perder por aí, é tudo tão diferente da sua cidade”, relatou.

A vinda dela só foi possível porque a universidade tem creche integral para deixar o filho e tem bolsas que ajudam na questão financeira. Mas, tem dificuldades em se manter na instituição por conta das despesas com alimentação, vestimentas e aluguel, uma vez que ela mora fora da moradia universitária.

A permanência de uma universitária indígena, que é mãe, tem seus obstáculos. Afinal, elas precisam estudar, cuidar da casa, cuidar do filho e são excluídas de certa forma, “eu penso que por ser mãe e não curtir festas e bebidas, você não é muito bem vinda e você fica de lado”, disse Josiane.



Josiane Dias Araújo com a pintura da Nação Kokama Arirama, por Lorena Goulart

Quando foi perguntado acerca da sua etnia e se havia muitos Kokama na universidade, ela disse que poucas pessoas conhecem o povo Kokama, pois sua história não é tão difundida quanto a dos outros povos e que não tem muitos universitários desta etnia na UFSCar.

Sobre sua permanência como estudante, foi perguntado o que poderia melhorar ou o que lhe ajudaria, “talvez uma pessoa da família para me ajudar com meu filho”, fala a entrevistada. Esse caso é necessário quando a creche está de férias ou quando ocorrem imprevistos e ela não consegue deixar o filho na instituição. Ser universitária e mãe é se ver dividida entre os estudos, os cuidados maternos diários e uma rotina exaustiva e corrida, que sobrecarrega a mulher. Além disso, estão longe da sua rede de apoio que é sua família, o que torna mais difícil sua vida acadêmica e sua vida pessoal.

As dificuldades começam antes mesmo de fazer o vestibular indígena, pois as provas são aplicadas em determinadas cidades e para fazê-las é preciso viajar para outro município, o que envolve gastos com passagens, comida, acomodação e locomoção. Quando é convocado, tem os gastos com as passagens de barco e avião, porque a universidade não custeia a vinda para ingressar e sendo mãe há mais despesas, porque o filho vem junto e os empecilhos aumentam. Depois chegando no aeroporto tem que ir pra rodoviária pegar ônibus para poder chegar em São Carlos. Os gastos, então, chegam em torno de dois mil reais ou mais para quem é mãe.

Chegando na universidade são acolhidas pelo Centro de Cultura Indígena (CCI), que dão os direcionamentos necessários para conseguirem as bolsas e permanecerem no curso.

É importante lembrar que as políticas específicas para mães ajudam na permanência e promovem a igualdade de gênero. Desta forma, as universitárias que são mães conseguem terminar seu curso superior e podem proporcionar melhores condições de vida para si e para seus filhos.



Divulgação / UFSCar

ORIGINÁRIOS

GALERIA DE VIVÊNCIAS KOKAMA

Por Rafaela Maturana

Imagem 7: Dança milenar de guerra



Fonte: Arquivo pessoal de Edney da Cunha Samias

Imagem 8: Oka Kokama



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Suelly Arruda Cabral

Imagem 9: Cerâmica Kokama



Fonte: Arquivo pessoal de Edney da Cunha Samias

ORIGINÁRIOS

FICHA TÉCNICA

Todos os responsáveis pela e-Zine são alunos do curso de Ciência Sociais da UFSCar e ingressaram na universidade em 2024.



Fernanda Gonçalves da Silva

Escritora das pautas “Não se diz índio, se diz indígena ou originário” e “Permanência Estudantil: o relato de uma mãe indígena”. Entrevistou Josiane Dias Araújo e participou da sessão de fotos que originou a foto de capa.



Lorena Goulart Vieira

Escreveu “Os Kokamas sobrevivem apesar de mais de 500 anos de exploração” em colaboração com Nilo Martins, “Identidade e Resistência: a luta Kokama pela recuperação de sua língua” e entrevistou Edney Samias. Participou da revisão e editoração eletrônica, da produção das fotos, da busca por imagens dos Kokama e da criação do design geral da revista.



Nilo Martins Pereira

Escreveu “Os Kokamas sobrevivem apesar de mais de 500 anos de exploração” em colaboração com Lorena Goulart e “Thaís Kokama e a importância dos grafismos”. Participou da criação do design geral + capa e editoração eletrônica.



Rafaela de Carvalho Maturana

Organizadora da “Galeria de vivências Kokama”, fotógrafa e editora das imagens de Josiane Dias Araújo, além de autora do Editorial. Participou da revisão, da criação do design geral, da editoração e da busca por imagens dos Kokama.




REFERÊNCIAS




ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 67-80, jul. 2012. DOI:

<https://doi.org/10.26512/rbla.v4i1.20669>. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/20669>. Acesso em: 19 maio. 2024.

EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (Brasil). Instituto Socioambiental. **Kokama**. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kokama>. Acesso em: 10 maio 2024.

EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL (Brasil). Instituto Socioambiental. **Ticuna**. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso em: 6 ago. 2024.

FEITOZA, Diego Amorim; SILVA FILHO, Erivaldo Cavalcanti e. Os Kokamas e os desafios de acesso aos direitos fundamentais no Alto Solimões. **Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA - ISSN: 2675-5394**, [S.l.], v. 7, n. 1, mar. 2023. ISSN 2675-5394. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/equidade/article/view/2830>. Acesso em: 22 maio. 2024.

MAPIAMA, Tatiana Samias. **POVO KOKAMA**: formação dos professores indígenas kokama no processo ensino-aprendizagem e vitalização da língua materna. 2021. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/6130/6/TCC_TatianaMapiama.pdf. Acesso em: 1 ago. 2024.

PIMENTA, Ana et al. **Mosaico recebe Thaís Kokama, 1ª compositora indígena do Caprichoso**. Rádios EBC. 2023. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/mosaico/2023/07/mosaico-recebe-thais-kokama-1a-compositora-indigena-do-caprichoso>. Acesso em: 14 ago. 2024.

RODRIGUES, Paula. **O retorno do idioma perdido**. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/indigenas-kokama-lutam-contr-a-extincao-da-sua-lingua-materna/#cover>. Acesso em: 07 ago. 2024.

ROSSI, Amanda. **Dia do índio é data 'folclórica e preconceituosa', diz escritor indígena Daniel Munduruku**. 2022. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2022/04/19/dia-do-indio-e-data-folclorica-e-preconceituosa-diz-escritor-entenda.htm>. Acesso em: 15 ago. 2024.

RUBIM, Altaci Corrêa. **O reordenamento político e cultural do povo Kokama**: A reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru. Orientador: Enilde Faulstich. 2016. 324 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.26512/2016.04.T.20961>. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/608108>. Acesso em: 19 maio 2024.




REFERÊNCIAS




RUBIM, Altaci Corrêa. Vitalization of the Kokama language beyond the borders of Brazil and Peru. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 01-18, 2020. DOI: 10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id268. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/268>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SAMIAS, Edney da Cunha. **Nações milenares**: protocolo de reconhecimento étnico, de consulta e de consentimento do povo indígena Kokama (Kukamie-Kukamiria). 2017. Tabatinga (AM). Disponível em: [file:///C:/Users/DELL/Downloads/DOC-20240828-WA0148_%20\(1\)](file:///C:/Users/DELL/Downloads/DOC-20240828-WA0148_%20(1)). Acesso em: 15 de ago. 2024.

SAMPAIO, João Luiz. **“O grafismo dá a oportunidade para que o outro conheça sua cultura”, diz Thaís Kokama**. Terra. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/o-grafismo-da-a-oportunidade-para-que-o-outro-conheca-sua-cultura-diz-thais-kokama,6aa973d8ea622c024a164b854a1e0835uzjyaakj.html>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SILVA, Daniel Neves. **“19 de abril - Dia dos Povos Indígenas”**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/19-abril-dia-Indio.htm>. Acesso em 15 de agosto de 2024.

SOUZA, Alcione Deodato de. **Construção do conhecimento**: um estudo da educação Kokama na comunidade Nova Esperança. Orientador: Jocilene Gomes da Cruz. 2021. 119 p. Dissertação, (Mestrado em Ciências Humanas) - Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade Estadual do Amazonas, DISSERTAÇÃO - PPGICH Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, 2021. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3690>. Acesso em: 7 ago. 2024.

SOUZA, Maurício Cordeiro de. **Ritama Yamimim Katupe**: os kokama de sapotal. 2020. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/25282>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TRINDADE, Daniela Sulamita; LOBO, Huanderson Barroso. Museus Kokama: uma tática de reafirmação da identidade étnica no contexto amazônico. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 19, n. 40, p. 163-185, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20435/tellus.v19i40.627>. Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/627>. Acesso em: 21 maio. 2024.

VIEIRA, José Maria Trajano. A luta pelo reconhecimento étnico dos Kokama na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru. **Tempo da ciência**, [S.l.] v. 25, n. 50, p 93-101, jul/dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.48075/rtc.v25i50.21197>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/21197>. Acesso em: 20 maio. 2024.